

## **Matheus Valente do Couto: fragmentos da trajetória de um matemático paraense**

## **Matthew Valente do Couto: fragments of the trajectory of a mathematical paraense**

Benedito Fialho Machado  
*Universidade Federal do Pará – UFPA - Brasil*

Iran Abreu Mendes  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Brasil*

### **RESUMO**

Neste artigo descrevemos e comentamos alguns fragmentos da trajetória de vida e obra do matemático paraense Matheus Valente do Couto, que embora desconhecido no Pará deixou uma extensa obra no campo da matemática e das ciências. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa sobre Manuais didáticos produzidos no estado do Pará entre o século XIX e a primeira metade do Século XX, que visa catalogar a vida e a obra de autores de manuais didáticos de matemática produzidos no Pará no referido período. É com este objetivo que descrevemos os fragmentos da vida e da obra de Valente do Couto de modo a dar significado de autoridade a sua produção intelectual. Para tanto nos apoiamos nos fundamentos da pesquisa sobre história cultural. Muitos trabalhos foram escritos sobre o percurso de vida dos mazaganezes e sua vinda ao Brasil, especificamente a Província do Pará, porém, nenhum destes trabalhos relata especificamente a respeito da vida obra de Matheus Valente do Couto, e por este motivo é que direcionamos nossa atenção especial para este fato. Matheus Valente do Couto foi o primeiro matemático paraense de projeção nacional. Paraense nascido em Macapá em 19 de novembro de 1770, foi professor público, e militar chefe da Marinha Real Portuguesa, autor de diversas obras literárias, especialmente em matemática, também cursou medicina na Universidade de Coimbra em Portugal. Filho de Pais portugueses, Antônio Diniz do Couto Valente e a Senhora Margarida Josefa da Fonseca. Concluímos desta forma que Matheus Valente do Couto possuía uma dotação intelectual destacada, que fez jus ao respeito, reconhecimento e homenagens que recebeu dentro e fora de seu país.

**Palavras chaves:** Matheus, Matemática, Mazagão, Biografia, Intelectual.

### **ABSTRACT**

In this article we describe and comment some life trajectory of the fragments and mathematical work of Pará Matheus Valente do Couto, who although unknown in Pará left an extensive work in the field of mathematics and science. This work is a part of a research on teaching manuals produced in the state of Pará from the nineteenth century and the first half of the twentieth century, which aims to catalog the life and work of authors of textbooks of mathematics produced in Pará in the period. It is with this objective that describe the fragments of life and Couto of Valente's work to give meaning authority to his intellectual production. For this we rely on the fundamentals of research on cultural history. Many works have been written about the life path of mazaganezes and his visit to Brazil, specifically the Pará province, however, none of these works specifically tells about the life work of Matthew Valente do Couto, and for this reason is that direct our attention special to this fact. Matthew Valente do Couto was the first Pará mathematician national projection. Para born in Macapa on November 19, 1770, went public teacher, and military commander of the Royal Navy, author of several literary works, especially in mathematics also studied medicine at the University of Coimbra in Portugal. Son of Portuguese parents, Antonio Diniz Couto Valente and Ms. Margarida da Fonseca Josefa. We conclude therefore that Matthew Valente do Couto had an outstanding intellectual endowment, he has earned the respect, recognition and honors he received in and out of their country.

**Keywords:** Matheus, Mathematics, Masagão, Biography, Intellectual

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva descrever e comentar a trajetória de vida de um autor paraense chamado Matheus Valente do Couto, que embora seja pouco conhecido entre seus conterrâneos deixou uma extensa obra no campo da matemática e das ciências. Também este trabalho é um recorte de nossa pesquisa de doutorado “Manuais didáticos no estado do Pará: Aritmética, a Geometria e o Desenho – Século XIX e primeira metade do Século XX” que visa fazer o levantamento dos manuais didáticos de matemática produzidos no Pará ou por paraense e também da vida de seus autores.

O teor desses estudos reporta-se à exploração do percurso de composição dos saberes básicos matemáticos (a Aritmética, a Geometria e o Desenho) presentes no curso primário de diferentes regiões brasileiras. Em nosso caso específico levaremos em consideração período que vai do início do Século XIX até 1950, ou seja, a primeira metade do século XX, por considerar que há registro de manuais escrito por paraenses desde esta época.

Para isto, lançamos mão em nossa sustentação teórica dos conceitos explorados na perspectiva orientadora da investigação fundamentada pela História cultural expressada nas concepções de autores como Roger Chartier (2002), Dominique Julia (2001), Paul Veyne (1992), Peter Burke (2004), Michel de Certeau (1982), dentre outros. Também, exploraremos os conceitos de Alain Chopin (1980).

Desta forma pretendemos traçar a trajetória de vida e obra de nosso autor selecionado, pois, “você sabe: só existe o que é dito. (...). Nem você nem eu, nem ninguém existe sem a narrativa de nossa existência, mesmo no cotidiano; é necessário contar-se para nascer; mesmo uma coisa, é preciso narra-la para que ocorra” (SERRES, 2015, p. 33). É com este objetivo que pretendemos narrar a existência deste autor paraense dando um significado de autoridade sobre sua realidade entre seus conterrâneos e demais pares.

Muitos trabalhos foram escritos sobre o percurso de vida dos mazaganezes e sua vinda ao Brasil, especificamente a Província do Pará, onde encontramos os registros da família Valente do Couto, da qual Matheus é descendente, entre eles, Curado (2002), Silva e Tavim (2013), Amaral (2007), Araújo (1998), Ferreira (1998), Moreira (2001), Vidal (2005, 2008 e 2015) – Além destes escritos, temos ainda um documentário “Mazagão, migração de um mito”<sup>8</sup> que foi produzido durante a festividade de São Tiago em Mazagão no Amapá – contando a vinda dos mazaganezes desde Marrocos, passando por Belém até sua chegada a Mazagão na Amazônia.

---

<sup>8</sup> A produção deste documentário contou com apoio do Governo do Amapá (GEA) e do Instituto de Cinema e do audiovisual (ICA) e teve como produtor Periferia Filmes/ Bando à Parte e realização de Ricardo Leite. A equipe é constituída por quatro cineastas: Ricardo Freitas (produtor), Ricardo Leite (diretor), Jorge Quintela (diretor de fotografia) e Pedro Pestana (diretor de som). O documentário conta a história da origem marroquina até a fundação da cidade de Mazagão Velho. As gravações foram feitas em Mazagão (Marrocos), Mazagão (Amapá) e Portugal. A proposta do documentário foi concebida durante o congresso Internacional de História realizado em Lisboa (Portugal) em novembro de 2008. Não tomamos conhecimento se este documentário chegou a ser finalizado, pois, Francisco Weyl Protocolou denúncia no MINISTÉRIO PÚBLICO DO AMAPÁ contra o Governo do Amapá pelo fato de financiar o documentário, alegando crime de tentativa de apropriação de obra (pirataria intelectual), conforme DENÚNCIA 4045 / LOCALIZADOR: JS9BZ5 e dizendo-se o autor intelectual da obra. Para saber mais sobre este fato acesse: <http://www.grupos.com.br/group/culturasparaenses/Messages.html?action=message&id=1249257240476327&year=09&month=8>.

Porém, nenhum destes trabalhos relata especificamente a respeito da vida obra de Matheus Valente do Couto (Fig. 1), e por este motivo é que direcionamos nossa atenção especial para este fato.

Fig. 1 – Matheus Valente do Couto



Fonte: <http://geneall.net/pt/nome/540649/mateus-valente-do-couto/>

### **ORIGEM E DESCENDÊNCIA DE MATHEUS VALENTE DO COUTO**

Matheus Valente do Couto foi o “primeiro matemático paraense de projeção nacional” (MOREIRA, 1979, p. 38) e que é tido como autor da “mais antiga obra de Matemática de autor paraense que temos notícia” (MOREIRA, 1979, p. 39). O que mais poremos saber sobre a biografia deste autor está contido em um pronunciamento feito na sessão literária 09 de maio de 1849 da Academia Real de Ciências de Lisboa, por seu colega de academia, Francisco Recreio<sup>9</sup>.

Segundo Recreio (1849), Matheus Valente do Couto foi professor público, e militar chefe da Marinha Real Portuguesa, autor de diversas obras literárias, especialmente em matemática, também cursou medicina na Universidade de Coimbra em Portugal. Filho de Pais portugueses, Antônio Diniz do Couto Valente e a Senhora Margarida Josefa da Fonseca.

<sup>9</sup> Elogio necrológico do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Matheus Valente do Couto : que em sessão litteraria de 9 de maio de 1849 pronunciou na Academia Real das Sciencias de Lisboa o socio da mesma Academia, Francisco Recreio. Este mesmo texto foi reproduzido na íntegra no ALMANACH: Administrativo, Mercantil e Industrial e noticioso da Provincia do Pará para o anno de 1873. Elogio necrológico do Illmo e Exm. Sr. Matheus Valente do Couto. Maranhão, Typ. do Frias. Anno quarto, 1873. p. 247 – 273.

Mesmo sendo paraense de nascimento, sua origem genealógica remonta ao ano de 1769 época em que seus ascendentes habitavam a região africana de Mazagão, dominada na época por Portugal.

Era 11 de março, de manhã cedo, e durante algumas horas Mazagão foi o teatro de uma verdadeira fúria coletiva. Antes de abandonar a cidade, homens e mulheres providenciaram a destruição do que deixariam para trás: quebraram tudo nas casas e nos altares das igrejas, cortaram as patas dos cavalos, transformaram as ruas em um campo de ruínas. Trazendo apenas as roupas do corpo, os moradores levaram três dias para sair da fortaleza, passando um por um pela estreita porta que dava saída para o mar e esperando os botes levá-los até os navios. Por fim, já a bordo, ouviram uma grande explosão. A Porta do Governador, que permitia o acesso terrestre à fortaleza, tinha sido minada, num último esforço para dificultar a entrada dos “infiéis” (VIDAL, 2009, p. 1)

Neste dia foi colocado o ponto final da ocupação portuguesa em Mazagão de Marrocos, o que não significou o seu fim. Desmontada na África, a cidade e seu povo cruzariam o Atlântico para ser soerguida em outra remota colônia do Império português, necessitada de ocupação em suas fronteiras: a Amazônia (VIDAL, 2009)

E assim em decorrências dessas lutas contra os Mouros<sup>10</sup>, por ordem do El-Rei D. José tiveram que deixar as pressas sua terra natal em 1769, sendo transportados para Lisboa e em seguida alojados em Belém (Portugal).

Está bem registado o número de pessoas trazidas da Mazagão marroquina até Lisboa: 2092 pessoas (425 famílias e 229 indivíduos isolados) 11. Mas de Lisboa para Belém do Pará viajaram 1855 pessoas, agregadas em 371 famílias, em 15 de Setembro de 1769. De Belém para Mazagão, o transporte foi efectuado em levas: em 1773, ainda se encontravam 1107 mazaganistas na capital. E em 1777 restavam 842 indivíduos. Em 1776, 343 mazaganistas haviam-se escapado ao embarque para a Vila Nova de Mazagão 12. (SILVA e TAVIM, 2013, p. 126)

Desta forma, pouco tempo depois foram transferidos para a Capitania do Grão-Pará. “A família de Valente do Couto chegou ao Pará em 1770 no Navio Santana Nossa Senhora da Glória apresentando a mesma configuração que tinha ao sair de Mazagão em 1769”, (MARTINS, 2015, p. 121) o casal, dois filhos e duas escravas.

Pouco depois de sua estada em Belém foram transferidos para uma região onde fica o atual estado do Amapá, onde fundaram uma colônia que deram o nome de Vila Nova de Mazagão – no Pará, localidade onde faleceu seu avó paterno Matheus Valente do Couto – que era mestre de campo da cidade do Gram Pará. (RECREIO, 1849).

Mazagão exportava muito arroz além de outros produtos e em conjunto com Macapá e Vila Vistosa da madre de Deus abastecia Belém. Em 1778 Macapá exportou 16.136 alqueires de arroz, Mazagão, 3.317 e meio e Vila Vistosa 2.230

<sup>10</sup> Mouros, mauritanos, mauros ou sarracenos são considerados os povos oriundos do Norte de África, praticantes do Islão, nomeadamente Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental, invasores da região da Península Ibérica, Sicília, Malta e parte de França durante a Idade Média.

de acordo com quadro de exportação de arroz de 1778 organizado pelo Cor. Gama Lobo de Almeida. (PARÁ, p. 419)

Nesta época o Pará tinha litígios com os franceses e em razão de medidas de defesa contra ataques franceses da Guiana foi ordenada a construção da cidade de Macapá na embocadura do Rio Amazonas – onde seu pai que era capitão de Artilharia foi nomeado como Inspetor das Obras Militares desta nova fortaleza (RECREIO, 1849). “Prova disso foi o projeto francês de instalar 16 mil colonos em Kourou, na Guiana Francesa, em 1763” (VIDAL, 2009, p. 4).

Quando moravam em Macapá, época em que o atual estado do Amapá era vinculado ao Pará, em 19 de novembro de 1770 nasceu Matheus Valente do Couto. Quatro anos após de seu nascimento, seu genitor veio a falecer, ainda em Macapá. Sua tutoria e educação ficaram a cargo de seu tio Luiz da Fonseca Zuzarte que instruiu o sobrinho nos estudos primários, e aos 11 anos já tinha todos os conhecimentos da primeira instrução comum na época. Depois destes estudos foi transferido para capital do Grão Pará (Belém), onde cursou francês, latim e lógica (RECREIO, 1849).

Ainda de acordo com Recreio (1849), quando Matheus finalizou seus estudos em Belém, o Intendente Geral da polícia da corte e reino, Diogo Ignacio de Pina Manique – comunicou ao governador D. Francisco de Souza Coutinho a falta de médicos nesta cidade e que convinha que fossem enviados a Metrópole da Monarquia para estudarem medicina na Universidade de Coimbra às custas dos cofres públicos dois estudantes de talento e aprovada conduta. Matheus, que tinha 19 anos naquele tempo foi o primeiro dos dois escolhidos.

Chegando a Portugal, era período de recesso para ingresso na Universidade de Coimbra, Matheus ficou hospedado no Colégio Real. Porém, não perdeu tempo, começou estudos preparatórios para fazer o exame de lógica, metafísica, e ética. Era um exame famosíssimo pela sua rigorosidade nesta Universidade. Matheus foi aprovado no exame e assim ingressou na Universidade de Coimbra para cursar medicina. Porém, o que veio emergir em seu desenvolvimento, não foi a habilidade médica e sim seu grandioso talento matemático. Isto aconteceu logo no primeiro ano do curso de medicina quando cursava a disciplina de Matemática que era obrigatória para este curso. (RECREIO, 1849).

Recreio (1849) nos relata em seu discurso, que assim que perceberam o talento matemático de Matheus, logo, lhe fizeram uma oferta, primeiramente graduar-se em bacharel em matemática sem abandonar os estudos de medicina e, somente depois, retornar e concluir o curso de medicina para o qual foi enviado a Portugal para cursar. Sem hesitar, Matheus abraçou a proposta que era de sua predileção, e no dia 9 de maio de 1795 - com louvor e honras recebeu o grau de bacharel em Matemática.

Concluído o curso de bacharel em Matemática, nos conta Recreio (1849) Matheus teve que retomar seu curso de medicina ainda no primeiro ano. Entretanto, no período de férias foi a Lisboa, chegando lá, logo correu a notícia a respeito de seu talento matemático, o que chegou aos ouvidos do ministro da repartição da marinha D. Rodrigo de Souza Coutinho, “junto do qual já havia chegado as melhores informações da robusta aptidão” (CUNHA, 1896, p. 35) de Matheus – que imediatamente lhe ofereceu o posto de 2º tenente

da Armada Real, o que Matheus aceito de pronto. Era dia 5 de novembro de 1796 - quando estava prestes a completar 26 anos de idade.

A respeito de sua formação em médica, não sabemos ao certo se o curso de medicina foi concluído, pois, nem (CUNHA, 1896) e nem (RECREIO, 1849) nos deixam o fato esclarecido. Entretanto, Blacke (1900) em seu verbete sobre o autor, o chama de “doutor e medicina” (p. 256).

Desta forma, pelo seu talento matemático ingressou no magistério público e depois de dois anos, deixou o serviço da vida marinha (1798) e foi elevado a categoria de partidista do Observatório Real da Marinha Portuguesa. Nesta mesma época, Matheus também frequentou voluntariamente as aulas de arquitetura naval e desenho, porém, sem deixar os trabalhos no observatório. Foi nesta fase que compôs seu manuscrito *Instruções e regras praticas, derivadas da theorica da construção naval, relativas a construção, carregação e manobra do navio*, que posteriormente foi acolhido pelo governo que mandou editá-lo e o adotou como um dos compêndios da Academia dos Guardas da Marinha. (RECREIO, 1849).

Entretanto, de acordo com Recreio (1849), Matheus ficou no observatório até o dia 9 de julho de 1800 quando se tornou ajudante do 1º Tenente da Brigada Real - Maria Carlos Theodoro Damoiseau de Monffort – encarregado da composição das efemérides náuticas. Além disso, tinha a obrigação de trabalhar com os cálculos das mesmas efemérides. E ainda era de sua incumbência trabalhar no ensino dos partidistas do Observatório da Academia Real da Marinha, onde compôs para uso dos partidistas um tratado sobre eclipses, em forma de manuscrito.

Consoante seu desempenho nos seus diversos serviços, Matheus foi nomeado por decreto em 13 de outubro de 1800, lente substituto extraordinário das duas academias reais, a da Marinha e a dos Guardas Marinha. Seu vencimento anual era de 300 mil réis. Apesar disso, não ficou nem por um ano neste cargo, e em 26 de agosto de 1801, também por decreto foi nomeado para substituto ordinário do terceiro ano da Real Academia da Marinha. Os assuntos deste terceiro ano eram astronomia e a theorica da navegação. Ainda neste mesmo cargo, do mesmo modo, por Decreto de 7 de julho de 1803 e por Carta Patente de 25 de agosto passou ao posto de Capitão do Real corpo de Engenheiros, de acordo com os relatos de Recreio (1849).

Em 1812 após 13 anos nos cargos anteriores de lente substituto extraordinário das duas academias reais, a da Marinha e a dos Guardas Marinha e ainda como substituto ordinário do terceiro ano da Real Academia da Marinha; após o falecimento do lente proprietário da cadeira de aritmética, geometria, trigonometria e princípios de álgebra (1º ano) – o Tenente-Coronel engenheiro Manoel do Espírito Santo Limpo; Matheus foi integrado ao cargo em seu lugar em 1812. Onde ficou por apenas 3 anos, pois em 17 de julho de 1815 através de um decreto do Príncipe Regente e despacho do Conselho Almirantado de 14 de outubro do mesmo ano - Matheus passou a Regente Proprietário da Cadeira do 3º ano letivo da Academia Real. Também, neste mesmo período assumiu a diretoria do Observatório da marinha, interinamente e, ao mesmo tempo, regendo a cadeira de astronomia e teórica de navegação. (RECREIO, 1849).

Matheus Valente do Couto, segundo Recreio (1849) também assumiu diversos outros cargos e funções, em 24 de fevereiro de 1816 assumiu por decreto a propriedade da

Direção do Observatório da Marinha. Cinco anos depois, em 15 de fevereiro de 1821 o autor paraense foi aposentado com todas as honras e privilégios pelos serviços prestados, e também jubilado pela Universidade de Coimbra.

Mesmo não deixando de publicar outras obras e atuar na Academia das Ciências de Lisboa, depois de 21 anos após sua aposentadoria, no dia 3 de dezembro de 1848 Matheus morreu aos 78 anos de idade depois de ser acometido de pleuro pneumonia, em Lisboa, Portugal (RECREIO, 1849).

### PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES DA SUA OBRA

Matheus deixou diversos trabalhos importantes, principalmente sobre Matemáticas puras e sobre Astronomia. Entre suas obras destacamos *Tratado de trigonometria rectilínea e trigonometria spherica* (1803) (Fig. 2). O referido livro teve uma “segunda edição, 1819; terceira edição, 1825, 50 pgs. Este livro serviu por muitos anos de compêndio na Academia da Marinha e também na Politécnica” (BLACK, 1900, p. 257).

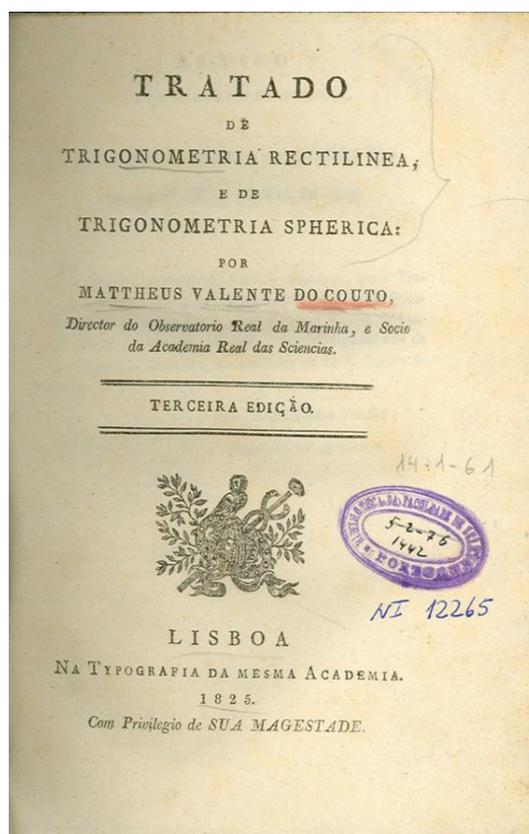


Fig. 16 – Capa: Tratado de trigonometria rectilínea e trigonometria spherica. 3ª Ed., 1825

Ainda segundo Black (1900, p. 258 - 259), outros trabalhos de Matheus Valente do Couto foram:

1) - *Astronomia spherica e náutica*. Lisboa, 1839, 365 pags. Esta obra foi impressa pela Academia Real das Ciências e também serviu de compêndio na Escola Politécnica e na Escola Naval.

2) - *Breve exposição do systema métrico decimal*. Lisboa, 1820, — Foi escrita com aprovação da comissão dos pesos e medidas, de que o autor fazia parte e publicada sob o anônimo. Também foi impressa pela Academia Real das Ciências e também serviu de compêndio na Escola Politécnica e na Escola Naval.

3) - *Explicação e uso das taboas comprehendidas na Collecção das taboadas perpétuas astronômicas para uso da navegação portugueza*, mandadas compilar pela Real Academia das Ciências de Lisboa. - Também sob o anônimo.

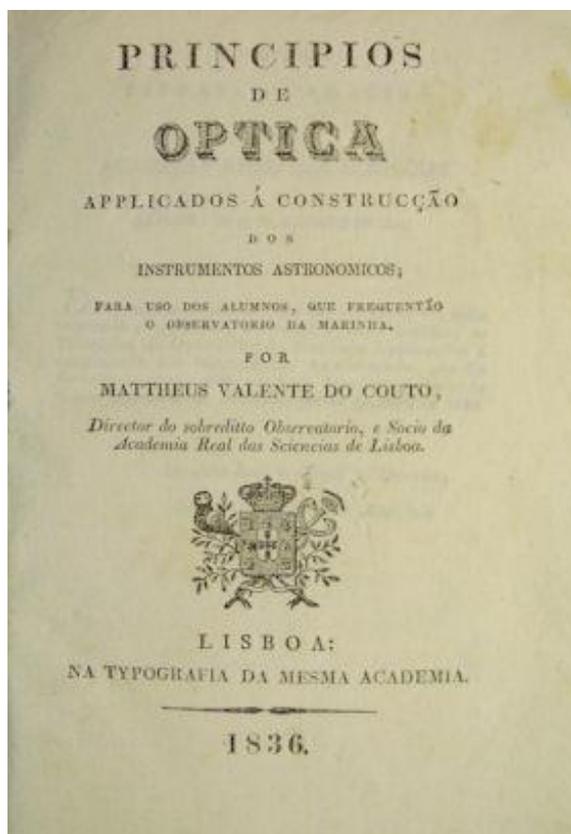
4) - *Instrucções e regras praticas, derivadas da theoria da construção naval, relativas á construcção, carregação e manobra do navio* — Nas Memórias da Academia Real das Ciências, tomo 3, parte 2. Foi escrita quando o autor frequentou a aula de astronomia naval e serviu depois de compêndio na Academia dos guardas-marinha.

5) - *Cálculos das notações* (2a parte) — Nas mesmas Memórias, e no dito tomo e parte. A 1ª parte é de outra pena.

6) - Breve ensaio sobre a deducção philosophica das operações algébricas.

7) - *Princípios de óptica*, aplicados à construção dos instrumentos astronômicos para uso dos alunos que frequentam o Observatório da Marinha. Lisboa, 1836, 108 pags (fig. 3).

Fig. 3 - *Princípios de óptica* (1836)



Fonte: Livraria Castro e Silva

8) - *Memória em solução ao programma: Comparação das formulas tanto finitas, como de variações finitas e infinitésimas dos triângulos esphericos e rectilineos, afim de mostrar até que gráo de aproximação se podem uns tomar pelos outros, por meio do exame analytico dos erros que resultam da approximação.* Esta memória foi apresentada muito antes do prazo marcado para um concurso na Academia Real das Ciências, à qual acabava o autor do ser admitido, e foi-lhe dado o prêmio oferecido, uma medalha de ouro.

9) - *Memória era solução ao programma: Mostrar, tanto pelo calculo, como pela observação, a influencia do erro, que pôde resultar nos ângulos horários do sol e da lua, de se não attender á figura da terra.* Nas ditas Memórias, tomo 8, parte 1ª, pgs. 213 a 222. Foi também apresentada antes do prazo marcado.

10) - *Resposta, ou parecer sobre a arqueação dos navios* — Nas ditas Memórias, tomo 1º e parte 2ª da segunda serie, pgs. 1 a 13.

11) - *Memória sobre os princípios em que se deve fundar qualquer methodo de calcular a lougitude geographica do um logar* — Idem, tomo 2º, parte 1ª da mesma serie, pgs. 301 a 316. Estava a memória no prelo, quando o autor faleceu.

12) - *Princípios de balística em que se trata do movimento dos projectis no vácuo* — Este e os seguintes escritos abaixo ficaram inéditos em poder do Dr. Antônio Diniz do Couto Valente, filho do autor.

13) - *Como se tem resolvido o problema que diz respeito á pressão que um fluido excita sobre as paredes de um vaso, quando corre pelo interior delle.*

14) - *Additamentos às Lições elementares de astronomia, geometria e physica do abbade La Caille, impressas em 1761.*

15) - *Resolução do problema da doutrina exposti no § 34 do Calculo diftereucial de Bezout, que é o seguinte: « Dada a equação de uma curva, achar-lhe as asymptotas rectilineas. »*

16) - *Memória sobre as primeiras noções de geometria e sobre alguns piincipios adoptados nos Demonstrações desta sciencia* — Foi lida na sessão da Academia Real das Ciências de 11 de julho de 1814.

17) - *Analyse critica de alguns Tratados de trigonometria spherica.* 1815.

18) - *Exposição do methodo directo das illusões.*

19) - *Memória em que se pretende achar uma formula geral de que se possa deduzir, como um caso particular, a formula geral do trinomio.*

20) - *Princípios de stenographia plana e orthogonal.*

21) - *Algumas reflexões á Memória do Sr. F. de B. Garção Stookler, relativa ao desenvolvimento das funções em serie.*

22) - *Algumas reflexões sobre a Geometria de Carnot,* impressa em Paris em 1803.

23) - *Algumas reflexões a respeito de certas Memórias que vêem nos Annaes de Mathematica* (de Gergoune<sup>11</sup>).

---

<sup>11</sup> Foi um matemático e lógico francês. Um dos primeiros defensores das técnicas de geometria análítica e em 1816, ele desenvolveu uma solução elegante para coordenar o clássico problema de Apolônio: para encontrar um círculo que toca três círculos dados, demonstrando assim o poder dos novos métodos. Também em 1813, Gergonne escreveu o ensaio premiado pela Academia de Bordeaux, *Métodos de síntese e análise em matemática*, inédito até hoje e conhecido apenas por meio de um resumo.

24) - *Memória sobre a aproximação das formulas de precessão dos equinócios, em que se pretende esclarecer uma questão problemática suscitada por mr. Delambre, sobre o desprezo que se faz (nas formulas de precessão anuua) dos termos provenientes da variação da obliquidade da ecliptica* — O autor faz ver por uma análise ou calculo astronômico que o celebre astrônomo não avaliou bem a variação da obliquidade da eclíptica quando asseverou que devia entrar na formula da precessão anual de uma estrela em ascensão reta e declinação, etc. Sujeita ao juízo da Sociedade Real de Astronomia de Londres e, por esta sociedade, enviada à uma comissão para dar seu parecer, a comissão limitou-se a ler em resumo a memória em uma reunião do conselho. A sociedade exigiu então uma investigação mais ampla, e a comissão, passados meses, leu em outra reunião o mesmo resumo. Este resumo acha-se impresso no *Royal Astronomical Society*, vol. 4º, novembro de 1836.

25) - *Notas à segunda parte do livro Arte de navegar, em que se ensinam as regras praticas e os modos de cartear o de graduar a balestilha por via de números, e muitos problemas úteis à navegação; e Roteiro das viagens e costas maritimas de Guiné, Angola, Brasil, índias e ilhas occidentaes e orientaes, novamente emendada, e accrescendadas muitas derrotas.* Por Manoel Pimentel. Lisboa, 1819. Ha ainda trabalhos seus, sendo alguns por concluírem-se, vários pareceres sobre consultas do governo, escritos filosóficos, sobre literatura, e também algumas poesias, de que dá noticia Francisco Recreio no Elogio necrológico, que em sessão literária de 9 de maio de 1819 pronunciou na Academia Real das Ciências de Lisboa, como já anunciamos anteriormente.

Além de todas estas obras listadas por Blacke (1900), em 1849, surgem as “Ephemerides Náuticas para o ano de 1853” calculadas de ordem de sua majestade para o meridiano do Observatório de Lisboa, em tempo médio publicada pela Typografia da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1851 (Fig. 4).

Fig. 4 – Ephemerides Nauticas



Fonte: Livraria Castro e Silva

Retomemos agora a obra *Tratado de trigonometria rectilínea e trigonometria sfherica* (1803) para apresentarmos o índice que contém os assuntos tratados neste livro que é uma das mais importantes obras deste autor. Não temos indicação precisa de que este livro foi adotado no Pará por algum professor. Tivemos acesso apenas ao sumário do referido manual. O manual está organizado em quatro partes: Introdução, Trigonometria retilínea, trigonometria esférica e apêndice (Fig. 5).

Fig. 5 – Índice Tratado de trigonometria rectilínea e trigonometria sfherica (1803)

TABOA DOS ARTIGOS.	
	Pag.
Introdução. . . . .	1
<i>Definições das linhas trigonometricas.</i>	
<i>De algumas relações das linhas trig. de um mesmo arco.</i>	2
<i>Das linhas trig. positivas, e negativas.</i>	3
<i>De algumas relações das linhas trig. de diversos arcos.</i>	4
<i>Reunião das formulas das relações das linhas trig.</i>	5
	9
Trigonometria rectilínea. . . . .	
	11
<i>Reunião das formulas da Trig. rectil.; e Taboa dos problemas.</i>	12
<i>Tradução da dita Taboa. Form. onde entra a superficie do triang.</i>	16
<i>Problemas, que podem ser indeterminados. Aplicações.</i>	17
Trigonometria spherica.	
<i>Notões preliminares, e definições.</i>	
	21
<i>Theorema unico dos triang. sph. rectang. Regra de Neper.</i>	23
<i>Problema unico dos triang. sph. rectang.</i>	25
<i>Formulas senitas dos triang. sph., e suas traducções.</i>	ibid.
<i>Formulas para o calculo por logarithmos, e suas traducções.</i>	27
<i>Theoremas uteis</i>	29
<i>Casos, em que o triang. sph. he ou não determinado, he ou não possivel.</i>	29
<i>Taboa dos problemas, e resoluções.</i>	30
<i>Tradução da Taboa antecedente em linguagem vulgar.</i>	32
<i>Applicação ao calculo da projecção vertical de um angulo, e da longitude pelo methodo de Borda.</i>	33
<i>Expressão da superficie de qualquer triang. sph.</i>	34
<i>Taboas para applicação dos problemas da Trig. rectil., e sph.</i>	36
	37
Appendice.	
<i>Das Taboas dos senos.</i>	39
<i>Das logarithmos em geral.</i>	40
<i>Da formação das Taboas dos logarithmos vulgares.</i>	41
<i>Uso das Taboas.</i>	43
<i>Das complementos, e logarithmos complementarios.</i>	44
<i>Das Formulas de Interpolações.</i>	47
<i>Das Formulas differencias dos triang.</i>	49
<i>Dedução analytica das formulas da Trig.</i>	49
<i>Uma pagina dos logarith. dos numeros, outra dos senos de Callet.</i>	53

Fonte: Centro de Matemática da Universidade do Porto

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos constatar, Matheus Valente do Couto foi um intelectual paraense que durante sua vida dedicou-se a investigação sobre conhecimentos científicos e suas aplicações, não só sob enfoques matemáticos, como também relacionados às diversas áreas do conhecimento, de acordo com sua vasta publicação e atuação em Portugal.

havendo durante toda sua vida desempenhado diversas comissões importantes e sido promovido até o posto de Coronel, foi deputado geral, conselheiro de Estado, sócio correspondente da Academia real das Ciências de Lisboa, tesoureiro da Academia, membro da sociedade das Ciências Médicas, também da capital do Reino, e condecorado com um hábito militar. (CUNHA, 1896, p. 36)

Ainda a este respeito, é possível aprofundarmos outros aspectos sobre este autor paraense como por exemplo, que ainda jovem saiu do Pará na perspectiva de estudar medicina na Europa e tornou-se um matemático e, talvez, um intelectual plural, em Portugal. Todavia, as informações a seu respeito denotam que Valente do Couto nunca se deixou levar ou enaltecido por suas posições ocupadas no contexto da Sociedade Científica em Portugal, pois, ao que se sabe,

Era homem meigo de carácter brando e virtudes sublimes. Por ocasião da luta da independência o Pará o nomeou seu procurador em Lisboa mas ele que tinha pela política grande aversão nunca disso se ocupou. Seus dois filhos foram igualmente matemáticos e oficiais de engenharia e como seu pai membros da academia das ciências de Lisboa. Matheus Valente foi um dos antigos luzeiros daquela academia. (MORAES, 1871, p. 196)

É possível, portanto, assegurarmos que Matheus Valente do Couto era um intelectual íntegro e de reconhecido respeito pelos seus contemporâneos. Isso porque varias informações apontam que ele tratava a todos de maneira afetuosa e sempre com respeito e de maneira bem-educada, com atitude de muita modéstia, e assim, por sua dotação de grande virtude intelectual fez jus ao respeito, reconhecimento e homenagens que recebeu dentro e fora de seu país (CUNHA, 1896).

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Augusto Ferreira do. **Mazagão: A epopéia portuguesa em Marrocos**. Lisboa: Fundação Oriente e Comissão Portuguesa de História Militar, 2007
- ARAÚJO, Renata Malcher de. **As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão**. Porto: Faup, 1998.
- BLACKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Sexto Volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 2002
- CHOPPIN, Alain. L'histoire des manuels scolaires. Une approche globale. In: **Histoire de l'éducation**, n° 9, 1980. pp. 1-25.
- CUNHA, Raimundo Cyriaco Alves da. **Paraenses ilustres**. Paris: Jablonski, 1896.
- CURADO, Silvino da Cruz. **Mazaganistas, de heróicos guerreiros em Marrocos a forçados agricultores na amazônia**. XII Colóquio de história militar da comissão portuguesa de história militar, laços históricos-militares lusomagrebins. Lisboa, 4 a 6 de Novembro de 2002.

- FERREIRA, Eliana Ramos. **Estado e administração colonial: a vila de Mazagão**. in MARIN, Rosa Acevedo (org.). A escrita da história paraense. Belém: Naea/Ufpa, 1998.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: SBHE, n. 1, p. 9-44, 2001.
- MARTINS, Yure Lee Almeida. **As trajetórias mazaganistas**. In: Anais do II Simpósio de História em Estudos Amazônicos / Território e migração. Rafael Chambouleyron (Org.). Belém: Editora Açai, volume 7, 2015.
- MORAES, Mello. **História do Brasil-Reino e Brasil-Império**. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & C., 1871, Tomo I.
- MOREIRA, Rafael. **A construção de Mazagão: cartas inéditas, 1541-1542**. Lisboa: Ministério da Cultura, 2001.
- PARÁ. **Annaes da Bibliotheca e archivo publico do Pará**, Volume 9. Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1916
- RECREIO, Francisco. **Elogio necrológico do ilustríssimo e excelentíssimo senhor Matheus Valente do Couto**. Lisboa : Typ. de Antonio José da Rocha, 1849.
- SERRES, Michel. **Narrativas do humanismo**/ Michel Serres; Tradução Caio Meira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2015
- SILVA, Maria Carneira da; TAVIM, José Alberto, 2013, **Marrocos no Brasil: Mazagão (Velho) do Amapá em Festa – a Festa de Santiago**. in Castelos a Bombordo: Etnografias de Patrimónios Africanos e memórias Portuguesas, Lisboa: CRIA, pp. 124-152, 978-989-97179-1-6. Disponível in: [http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/jose\\_alberto\\_tavim.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/jose_alberto_tavim.pdf) - Acessado em 12/08/2015.
- VEYNE, Paul Merie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 2ª ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992. 198p.
- VIDAL, Laurent. **Mazagão, la ville qui traversa l'Atlantique : Du Maroc à l'Amazonie (1769-1783)**. Paris: Editions Flammarion: 2005.
- VIDAL, Laurent. **Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico (1769-1783)**. (Trad. Marcos Marcionilo). São Paulo: Martins, 2008.
- VIDAL, Laurent. **Cidade em trânsito: A incrível e triste história de Mazagão, fortaleza marroquina que foi transferida para a Amazônia**. In: Revista de História “on line”, 12/04/2009 – Disponível in: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/cidade-em-transito> - Acessado em: 08/09/2015.

**Benedito Fialho Machado**

Universidade Federal do Pará – UFPA/Brasil.

**E-mail:** dito\_net@ig.com.br

**Iran Abreu Mendes**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/Brasil

**E-mail:** iamendes1@gmail.com